

Fernando Pessoa

## **Sangra-me o coração. Tudo que penso**

Sangra-me o coração. Tudo que penso  
A emoção mo tomou. Sofro esta mágoa  
Que é o mundo imoral, regrado e imenso,  
No qual o bem é só como um incenso  
Que cerca a vida, como a terra a água.

Todos os dias, oiça ou veja, dão  
Misérias, males, injustiças — quanto  
Pode afligir o estéril coração.  
E todo anseio pelo bem é vão,  
E a vontade tão vã como é o pranto.

Que Deus duplo nos pôs na alma sensível  
Ao mesmo tempo os dons de conhecer  
Que o mal é a norma, o natural possível,  
E de querer o bem, inútil nível,  
Que nunca assenta regular no ser?

Com que fria esquadria e vão compasso  
Que invisível Geómetra regrou  
As marés deste mar de mau sargaço —  
O mundo fluido, com seu tempo e espaço,  
Que ele mesmo não sabe quem criou?

Mas, seja como for, nesta descida  
De Deus ao ser, o mal teve alma e azo;  
E o Bem, justiça espiritual da vida,  
É perdida palavra, substituída  
Por bens obscuros, fórmulas do acaso.

Que plano extinto, antes de conseguido,

Ficou só mundo, norma e desmazelo?  
Mundo imperfeito, porque foi erguido?  
Como acabá-lo, templo inconcluído,  
Se nos falta o segredo com que erguê-lo?

O mundo é Deus que é morto, e a alma aquele  
Que, esse Deus exumado, reflectiu  
A morte e a exumação que houveram dele.  
Mas está perdido o selo com que sele  
Seu pacto com o vivo que caiu.

Por isso, em sombra e natural desgraça,  
Tem que buscar aquilo que perdeu —  
Não ela, mas a morte que a repassa,  
E vem achar no Verbo a fé e a graça —  
A nova vida do que já morreu.

Porque o Verbo é quem Deus era primeiro,  
Antes que a morte, que o tornou o mundo,  
Corrompesse de mal o mundo inteiro:  
E assim no Verbo, que é o Deus terceiro,  
A alma volve ao Bem que é o seu fundo.

26-4-1934

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 101.